

# O OLHAR PROUSTIANO DE AUGUSTO MEYER: MEMÓRIA COMO REINVENÇÃO

**Paulo Bungart Neto**

Universidade Federal da Grande

Dourados

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo discutir a memorialística de Augusto Meyer (1902-1970) e sua relação com a obra de Marcel Proust (1871-1922), sob a ótica da imaginação como aspecto essencial para o resgate da memória. Além disso, investigamos a diferença existente, nas obras de memória, entre o "eu" da infância e o "eu" que recorda, relação a partir da qual este "reinventa" o "personagem" vivido no passado, fundindo realidade e ficção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Augusto Meyer; Marcel Proust; memória; imaginação; reinvenção.

**ABSTRACT:** *This article aims at discussing Augusto Meyer's memorialistic and its relation with Marcel Proust's works, considering the imagination as an essential aspect to recall memory. Furthermore, we investigate the difference, in memory works, between the childhood "self" and the "self" who reminds, relation from which the latter "reinvents" the "character" played in the past, merging reality and fiction.*

**KEYWORDS:** *Augusto Meyer; Marcel Proust; memory; imagination; reinvention.*

## Introdução - A importância da imaginação

Em *Mémoire et personne*, afirma Georges Gusdorf:

*La mémoire apparaît, d'une manière générale, comme la fonction du passé. Ribôt la définit par 'la possibilité de conserver les impressions et de les reproduire'.<sup>1</sup> Conservation et reproduction s'appliquent ici à la réalité d'une situation qui a été donnée comme un présent et qui désormais s'affirme dans notre expérience comme un passé. C'est le 'retour du passé' qui constitue selon M. Delay la marque même de la mémoire.<sup>2</sup> Le Vocabulaire philosophique de Lalande ajoute à ces définitions un caractère supplémentaire. La mémoire, précise-t-il, est une 'fonction*

---

<sup>1</sup> RIBOT, Théodule Armand. *Les maladies de la mémoire*. Paris: Felix Alcan, 1905.

<sup>2</sup> DELAY, Jean. *Les dissolutions de la mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1942, p. 37.

*psychique consistant dans la reproduction d'un état de conscience passé, avec ce caractère qu'il est reconnu pour tel par le sujet*.<sup>3</sup> Il n'y aurait donc mémoire proprement dite que s'il y a reconnaissance, si le passé se donne explicitement comme passé. (1951, p. 01)

A memória do passado só existe, portanto, na medida em que o reinventamos, criando um novo sujeito nem fictício nem real, mescla de recordações verdadeiras (*conservação*) e impressões distorcidas (*reprodução*). Ao recordarmos - e, simultaneamente, imaginarmos - o que fomos outrora, reconfiguramos nosso sujeito, buscando a unidade do ser multifacetado através do elo perdido da infância. Multifacetado porque, no dizer de Marcel Proust, "esses anos da minha primeira infância não mais estão em mim, são exteriores, deles nada posso tirar a não ser pelo que contam os outros, como se dá com as coisas que sucederam antes de nascermos".<sup>4</sup>

Não há, assim, em se tratando de memória, a pura e simples reconstituição dos fatos vividos, muitas vezes "exteriores" e alheios ao "eu", mas uma espécie de espaço intervalar no qual a mais longínqua recordação e a mais fantasiosa imaginação convivem sem se excluírem. Vejamos como um trecho de "Cerro d'Árvore", capítulo inaugural do primeiro livro de memórias de Augusto Meyer, *Segredos da infância* (1949), se aproxima da idéia acima, exposta por Proust em *O caminho de Guermantes*:

*Nada sabemos do começo. O que os outros mais tarde nos contaram, tentando retrair aos nossos olhos a imagem da criança que já fomos, não diz nada às vozes da memória, nem de leve toca nas cordas da revelação. Os outros só nos falam de outro; não podemos contar com o auxílio de ninguém para dar os primeiros passos no tempo que passou. É dentro de nós mesmos que ele dorme, como a verdade no fundo de um poço. Dura, estranha, absurda, é a imagem que uma fotografia amarelecida recortou há tantos anos na fluidez do instante, e só vale como documento na imaginação alheia. Na grande noite do começo, vagamente pressentimos a escuridão do fim.* (1949, p. 13)

Logo, se não podemos dispor da ajuda de ninguém "para dar os primeiros passos no tempo que passou"<sup>5</sup>, a recordação do que fomos um dia "não diz nada às vozes da memória" se não estiver acompanhada por uma boa dose de imaginação. O próprio Augusto

<sup>3</sup> V. LALANDE, André. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968, T. 1, 16e édition. Em "De la mémoire et de la réminiscence", diz Aristóteles: "En effet on ne peut se souvenir ni de l'avenir, (...) ni du présent: (...) La mémoire s'applique au passé" (1953, p. 53).

<sup>4</sup> *O caminho de Guermantes*. Porto Alegre: Globo, 1953, p. 04.

<sup>5</sup> Para Proust, "(...) é tão fácil embelezar-se as narrativas de um passado do qual já ninguém está a par, como as das viagens por países aonde ninguém foi" (*O tempo redescoberto*. Porto Alegre: Globo, 1970, 3ª edição, p. 206).

Meyer assume esta necessidade em "O menino da Floresta", terceiro capítulo de *Segredos da infância*: "Só a imaginação poderá reproduzir o verde vivo daqueles campos de cevada que havia então na Floresta, verde realçado violentamente pelo tijolo sem reboco das fábricas de cerveja" (1949, p. 36).

Somente a partir da imaginação, portanto, podemos reconstituir as lembranças de um passado remoto, inexistente em "estado puro". Para Aristóteles, a memória pertence a uma parte da "alma" na qual a imaginação se destaca:

*A quelle partie de l'âme la mémoire appartient-elle? Il est évident que c'est à cette partie de laquelle relève aussi l'imagination. Et les choses qui, en elles-mêmes, sont objets de mémoire sont toutes celles qui relèvent de l'imagination, et le sont accidentellement toutes celles qui n'existent pas sans cette faculté.* (1953, p. 55)<sup>6</sup>

Tal propriedade de mesclar recordação e imaginação possibilita-nos abordar as obras memorialísticas sob dois aspectos, explicitados por Antonio Candido em "Poesia e ficção na autobiografia" - ao comentar as obras *Boitempo*, de Carlos Drummond de Andrade, *A idade do serrote*, de Murilo Mendes, e *Baú de ossos*, de Pedro Nava, Candido afirma que estes volumes (e, por extensão, todas as obras de memória), "(...) apesar das diferenças, (...) têm um substrato comum, que permite lê-los reversivelmente como *recordação* ou como *invenção*, como documento da memória ou como obra criativa, numa espécie de dupla leitura, ou leitura 'de dupla entrada', cuja força, todavia, provém de ser ela simultânea, não alternativa" (1987, p. 54; grifo nosso). É o momento em que, ainda segundo Antonio Candido, "a experiência pessoal se confunde com a observação do mundo e a autobiografia se torna heterobiografia, história simultânea dos outros e da sociedade" (idem, p. 56).

Assim, este caráter de "dupla leitura", reversa e simultânea, *recordação* e *imaginação* ao mesmo tempo, forma a base de todas as obras que se propõem a resgatar o passado. Também em seu segundo volume de memórias, intitulado *No tempo da flor* (1966), Augusto Meyer confirma a importância que o memorialista deve atribuir à imaginação ao visar a reconstituição dos momentos vividos:

*A imagem pode avivar num relance de iluminação brusca toda uma constelação de significados metafóricos. E por isso mesmo, entregue ao sonambulismo da saudade, um pobre*

---

<sup>6</sup> Ainda em *O caminho de Guermantes*, Marcel Proust afirma que "Aborrecemo-nos ao jantar porque a imaginação se acha ausente e divertimo-nos com um livro porque ela aí nos faz companhia" (1953, p. 444).

*insone, estirado em sua cama, encerrado em seu quarto, voa a uma distância enorme no tempo e no espaço, viaja ao fundo de si mesmo e à origem das origens... Mais um passo na escuridão povoada de fantasmagorias, e ele se torna passivo e indefeso aos assaltos do intuitus mysticus, põe-se a conversar com os abismos. (1966, p. 37-8)*

O "vôo" da imaginação, por conseguinte, não se limita ao tempo outrora vivido, uma vez que cria um "espaço" idealizado no qual as lembranças tomam assento. Esta idéia aparece em outro capítulo de *No tempo da flor*, "Crepúsculos do sul", quando Augusto Meyer confessa: "E eu, provinciano e elegíaco, parado à esquina dos vinte anos, ouço não sei que rumores confusos de arrabalde, vozes róseas ao fim da rua da memória. O pensamento viaja para muito longe, toma pé no devaneio, invade as terras virgens da cisma, enfia-se pelas vielas e ruas tortas da imaginação perdida" (1966, p. 99). Este espaço criado pelo pensamento que "viaja para muito longe", cuja metáfora pressupõe a redescoberta de "terras virgens" e de "ruas tortas", é sempre, na memorialística de Meyer, o lugar do devaneio e da imaginação, isto é, dos recursos aos quais o escritor se prende na tentativa de fixar os acontecimentos que escapam ao domínio de sua memória.<sup>7</sup> Não é à toa que a observação inicial de *Segredos da infância* - "A memória da infância é uma ilha perdida" (MEYER, 1949, p. 11) - privilegia justamente a noção de um espaço "perdido", recuperado somente quando a imaginação atua, reinventando-o e reconfigurando-o. Assim, a cidade natal de Augusto Meyer não é a mesma de sua infância nem tampouco aquela que o memorialista observava no momento em que escrevia, mas uma terceira, "interior", transfigurada por sua "fantasia evocativa":

*Conheci um Porto Alegre fabuloso, regado a sarjetas de água verde, coberto de clarabóias e beirais. Toda uma vertente da minha memória sentimental vai dar numa encruzilhada de ladeiras e becos, onde às vezes me aparece, como intérprete oportuno dos meus próprios sentimentos, o fantasma do guri que eu já fui. É preciso ter nascido com um pé no outro século para enveredar por estes caminhos interiores, que se perdem no Passo do Não-Sei-Onde. (...) O meu Porto Alegre começa no fim dos planos de urbanização, com o imprevisto das vielas, o desaprumo dos muros límosos, um beiral emplumado de macega e os velhos nomes que as placas não conseguem abafar. O tempo e a memória dos homens impregnam quase sempre as coisas de uma névoa de passado e evocação que as transfigura com não sei que toques de magia. Torna-se transparente qualquer paisagem, aos olhos de quem recorda ou tenta reconstituir os seus aspectos anteriores, e uma cidade, uma rua, começam a*

<sup>7</sup> Em *A prisioneira*, quinto volume da obra *Em busca do tempo perdido*, comenta o narrador: "Parece que os acontecimentos são mais vastos do que o momento em que ocorrem e não podem caber neles por inteiro. Certo transbordam para o futuro pela memória que deles guardamos, mas pedem também um lugar ao tempo que os precede. Pode-se dizer que não os vemos então como serão, precisamente, mas na lembrança não são eles também modificados?" (PROUST, 1971, p. 343).

*desandar para as suas feições primitivas, a desmanchar-se, recompondo-se noutra ordem de planos, quando se projeta no seu passado a luz da fantasia evocativa. (1949, p. 74-5)<sup>8</sup>*

## O "eu" da infância x o "eu" que rememora

A imaginação se manifesta porque o "eu" que recorda o passado é diferente daquele vivido na infância: "(...) meus olhos mudaram mas lá no fundo o coração é o mesmo", escreve Augusto Meyer em uma crônica datada de 04 de junho de 1930 e publicada no *Correio do Povo* de Porto Alegre. Se o olhar do memorialista mudou, amadurecido pelo passar dos anos e pelo convívio com as letras, o "coração" (que o escritor, como vimos, chama de "memória sentimental") permanece inalterado. A mesma expressão aparece em outro significativo trecho de *Segredos da infância*:

*Segredos e caminhos da infância... De todo aquele mundo, ficaram apenas algumas imagens vagas, reproduzidas grosseiramente a poder de concentração da memória sentimental, mas tão deturpadas pela necessidade discursiva, tão diferentes e quase irreconhecíveis depois de passarem pelo crivo da análise, que, em vez de aproximarmos da fonte viva do ser em sua ingênua frescura, aguçam cada vez mais a consciência que nos separa daqueles rincões perdidos. (...) A todo momento, quando nos perturba a sedução da sua saudade, sentimos que é preciso voltar de qualquer modo aos pagos da infância. Voltar! diz uma voz interior, voltar enquanto é tempo à manhã da tua vida... (MEYER, 1949, p. 16-7)*

Embora se refiram, objetivamente, à mesma pessoa, há praticamente uma oposição entre o "eu" da infância, atrelado à "memória sentimental", e o "eu" do memorialista, desfigurado pela "necessidade discursiva" e pelo "crivo da análise", a ponto de despertar no escritor o impulso inevitável de voltar "à manhã de sua vida". Quem bem percebeu este vácuo entre as duas fases da vida de Augusto Meyer e a existência de dois diferentes planos em sua produção literária foi Carlos Dante de Moraes, que em "A poesia de Augusto Meyer e a infância", assevera que

*Um rebate aflitivo sacudiu-lhe aos quarenta anos... Cansado de análise, saturado de cultura, o espírito reclamava a água lustral da infância encantada. 'Voltar! diz uma voz interior, voltar enquanto é tempo à manhã da tua vida...' (...) Esse*

<sup>8</sup> Segundo depoimento de Mário Quintana em *A vaca e o hipogrifo*, "Augusto Meyer, lá no Rio, para onde a vida o arrancava, como que vivia em Porto Alegre, lembrando amigos perdidos, horas perdidas... Quando o fui visitar em 66, disse-me ele que lia até o boletim meteorológico do Correio do Povo" (1983, p. 54).

*retorno terá de ser, porém, um longo e sinuoso processo discursivo. O ciclo poético coincidirá com a infância neste sentido: enquanto fez versos, Augusto se sentira ou tentara colocar-se na situação de um ser novo, virgem, inicial, como a criança que descobre no dia-a-dia milagres e angelitudes. Trata-se de um processo psicológico paralelo, em dois planos mentais diversos, e até opostos, como o são os do menino e do adulto. Agora, porém, é uma evocação deliberada da infância, a partir do reduto complicado, cheio de barreiras, da auto-crítica, sob a qual fogem os veios frescos do tempo remoto... A distância que se interpõe entre os anos verdes e o homem chegado à madureza é, por certo, imensa. Não será tanto o tempo cronológico, medido pelo calendário, quanto o recuo espiritual que torna aqueles primeiros inatingíveis aos únicos instrumentos mentais de que dispomos: lembrança, imaginação, sentimento, análise, intuição... Tal período não estará sepultado ou escondido em nosso mundo interior, porque há muito deixou de existir, com as suas vivências próprias e incomunicáveis. Melhor que ninguém, Augusto Meyer sente a separação, o vácuo anímico aberto entre nós e a fase inicial da vida. (...) Por isso mesmo, quem evoca ou recorda o passado, revive criando necessariamente. A visada sentimental destacaria fragmentos sem nexos, sempre a pique de se diluírem, não fosse a concentração reflexiva e crítica. É um processo contraditório esse, em que se perde a emoção autêntica, para revivê-la, com outra autenticidade, num plano diferente... As lembranças soltas e esfareláveis do ser distante e desaparecido adquirem intensidade e ordem num quadro psicológico da sensibilidade do adulto. (1957, p. 282-3)*

Ao "reviver criando" Meyer reinventa o personagem de si mesmo, mediado simultaneamente pela saudade e pelo poder da transfiguração, que faz com que o "velho" se reveja no "novo" e que, assim, amparado pela autenticidade de uma nova emoção, continue aprendendo: "Era uma vez a minha infância linda / E o sonho, o susto, o vago encanto alado... / Vem a saudade e conta-me baixinho / Velhas histórias... E eu já velho ainda / Sou um Pequeno Polegar cansado / Que pára e hesita, em busca do caminho..." ("Era uma vez". MEYER, 1957, p. 270).

Vimos que, para Augusto Meyer, "os outros só nos falam de *outro*" (1949, p. 13). Mas esse "outro" é apenas um dos tantos que compõem nosso ser no decorrer da existência, tão mutável como mutáveis são os lugares pelos quais passamos, as atitudes que tomamos e os pensamentos que tivemos:

*Vejo a Praça da Matriz, em Porto Alegre, desandar para as feições que ainda mostrava aos meus olhos de menino e moço. Mas é claro que estas praças vão mudando, enquanto a gente mudou. Nesse jogo vertiginoso, mudas as cousas por dentro e por fora, e, ao passo que as paisagens lentamente se desmancham, recompostas noutra forma, também o*

*espectador vai trocando de alma e de pele, apesar de conservar o mesmo nome, confiado nas certidões do registro civil. O Eu da gente é um inquilino que se imagina dono de si mesmo, proprietário do nariz, e dentro dele moram não sei quantos locatários irresponsáveis, que acabam estragando a casa. De vez em quando, ao cair do último andar do seu devaneio, o dono de si mesmo descobre que foi logrado, vagamente se dá conta de um embuste... 'Muda, muda, que eu também já mudei', dizem-lhe as casas, as ruas, as posturas municipais. E de mudanças vamos vivendo, enquanto não vem a hora da grande mudança. (MEYER, 1966, p. 07)*

São tantos os "eus" que nos compõem ao longo da vida, acompanhando diversas mudanças, que é como se tivéssemos a necessidade de reinventar o "eu" original da infância "em sua ingênua frescura" - se não lembramos com detalhe de tantas fases diferentes pelas quais passamos, resta-nos recordar imaginando, compondo sempre novos "eus" na tentativa de resgatar um pouco o que fomos há tempos.<sup>9</sup> Esta parece ser uma das tantas lições que a memorialística de Augusto Meyer nos lega, lição que pode ser sintetizada pelos versos do poema "Canção do minuto pueril": "Oh a canção dos pomares! / Me dá o sol! / Dá-me a infância perdida / como um raio de sol!" (1957, p. 83). Resta, como vemos, o apelo que se sabe infecundo, posto tratar-se do apelo à "hora morta no tempo" (1957, p. 261), aos verdes anos que reaparecem apenas em sua recordação plena de lirismo, de evocação e de angústia devido ao "tempo perdido".

### **Conclusão - Reflexos da obra de Marcel Proust na literatura meyeriana**

Podemos identificar marcas da leitura da obra de Proust não apenas em sua memorialística, mas também em todos os principais gêneros a que Augusto Meyer se dedicou. Na poesia, há, em *Giraluz*, uma "Elegia para Marcel Proust", que termina com os seguintes versos: "Marcel Proust, diagrama vivo sepultado na alcova, / o teu quarto era maior que o mundo: / cabia nele outro mundo... / Fecho o teu livro doloroso nesta calma tropical / como quem fecha leve leve a asa de um cortinado / sobre o sono de um menino..." (1957, p. 115-6). Nos ensaios de crítica, é comum vermos o nome do romancista francês associado aos de outros escritores "introspectivos", como Machado de Assis, Pirandello e Dostoiévski. Em *Preto & Branco* (1956), por exemplo, no ensaio intitulado "Os três primos", Meyer considera

<sup>9</sup> Em *Sodoma e Gomorra*, o narrador de *Em busca do tempo perdido* afirma que "(...) há sempre menos egoísmo na imaginação pura que na recordação" (PROUST, 1998, p. 152). Também Georges Gusdorf assinala que "La mémoire concrète au lieu de restituer le passé dans son exactitude semble au contraire le réinventer en le douant d'une valeur toute nouvelle d'enchantement et de libération" (1951, p. 129-130).

Proust, Machado e Pirandello como pertencentes a uma mesma "família espiritual" (1956, p. 166). Em *Machado de Assis*, ao comentar, no capítulo "O espelho", de que forma teve o primeiro contato com o conto homônimo de Machado, Meyer se refere à obra de Proust: "O espelho é para mim uma história comprida, embora não passe de um simples conto. As suas páginas estão impregnadas da nostalgia do tempo perdido, e basta o título para interromper a irreversibilidade, transportando-me a um momento intenso de adolescência, como a visão, o cheiro e o sabor numa evocação de Proust" (1952, p. 67).

A obra de Proust faz parte das indagações de Augusto Meyer também nas crônicas publicadas na imprensa, sobretudo em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. No *Correio do Povo*, por exemplo, em 11 de maio de 1930, o escritor gaúcho analisa a obra *Em busca do tempo perdido* em texto intitulado "Proust, o zaori", no qual Meyer afirma que

*A procura do Tempo perdido é a procura do Eu que se perdeu. O Eu proustiano se volta pro passado com a intenção de reconquistar ao longo dos anos vividos a memória integral da personalidade, quer salvar-se no meio da correnteza construindo na ilha da memória o laboratório da consciência. Mas ao mesmo tempo não quer a salvação por meios ilícitos, recorrendo ao narcisismo religioso. Exige de si mesmo a imagem mais sincera e mais crua que for possível reconstruir. Vem daí o seu trabalho moroso, retardado em meandros, cheio de atalhos que se perdem noutros atalhos, de becos subentendidos - e a claridade quase desumana que atravessa a obra toda, esse olhar de zaori enxergando através das paredes convencionais.<sup>10</sup>*

Além da forte presença de Proust, é possível pensarmos em uma unidade de pensamento que faz com que, na obra de Augusto Meyer, haja uma espécie de confluência entre os gêneros trabalhados, sobretudo entre a poesia e a memorialística. Tania Franco Carvalhal, por exemplo, diz que

*A obra poética de Augusto Meyer se estrutura no vaivém continuado entre a atualidade e o já vencido, reproduzindo o mesmo movimento do relato de suas memórias. A poesia e a memorialística autobiográfica se convertem, então, em recursos para vencer o tempo, fixá-lo com a mesma insistência com que tentará apreender a própria imagem. A volta ao passado e sua integração ao presente não têm sabor saudosista. Trata-se de recuperar estados anteriores num constante intuito de entender a si mesmo, de se auto-analisar. É essa inclinação à sondagem interior o traço*

---

<sup>10</sup> Segundo Georges Gusdorf, a experiência de Proust "(...)possède une signification générale et mérite à ce titre d'être examinée soigneusement, dans la mesure où elle est susceptible de nous livrer certains aspects du mystère de la mémoire" (1951, p. 116-7).



*característico de sua produção como um todo. (1990, p. 65-6)*

Outro autor que também percebeu o quanto a memorialística de Augusto Meyer se reveste de um caráter extremamente poético e da "nostalgia do tempo perdido" foi Guilhermino Cesar. Em "Memorialismo e poesia", sintetiza:

*O memorialista nos impõe, persuasivo, a presença de seus fantasmas familiares; e daí passa aos da sua roda, aos da cidade, aos do mundo. Usa recursos de poeta e de pintor. Numa prosa surpreendente pela invenção plástica, nunca deixa, porém, de se mostrar atento aos entretoms da palavra. Quem quiser saber de sua vida episódica não a encontrará aqui. O que o autor nos relata é o fluxo interior do pensamento, exprimindo principalmente uma situação em si mesma poética - a do preparatoriano preso entre os quatros cantos da Praça da Matriz, com os livros, as paineiras, a namorada, os sonhos. A vida interior, a fluir em surdina, à maneira da música de Debussy, eis aí o que nos lembram esses períodos que se articulam numa longa berceuse encantatória.*

Assim, o que mais importa nas obras de Augusto Meyer - e a memorialística não é exceção a esta regra - é a procura do auto-conhecimento e do "eu" interior no qual estão imersos os componentes principais de seu fazer literário, e que o aproxima da sondagem de Marcel Proust: poder minucioso de análise; extremo lirismo; evocação pungente e profunda introspecção.

Além, obviamente, de uma imaginação requintada e fértil, capaz de recriar a infância com originalidade e desprendimento e de separar as fronteiras entre o real e o imaginário, pois, como o próprio Augusto Meyer observa em *No tempo da flor*, "visto de longe, e por saudade, o tempo da flor é só aroma; vivido, é espinho também" (1966, p. 40).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARISTÓTELES. De la mémoire e de la réminiscence. *Petis traités d'histoire naturelle*. Paris: Les Belles Lettres, 1953, p. 53-63.

CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1987, p. 51-69.

CARVALHAL, Tania Franco. A poesia da introspecção. *Augusto Meyer (Letras Rio-grandenses - 8)*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1990, p. 65-66, 2ª edição.

CESAR, Guilhermino. Memorialismo e poesia. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 12 jul. 1980.

DELAY, Jean. *Les dissolutions de la mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1942.

GUSDORF, Georges. *Mémoire et personne*. Paris: Presses Universitaires de France, 1951, Tome 1.

LALANDE, André. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968, Tome 1, 16e édition.

MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952, 2ª ed.

MEYER, Augusto. *No tempo da flor*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.

MEYER, Augusto. *Poesias (1922-1955)*. Rio de Janeiro: Livraria São José Editora, 1957.

MEYER, Augusto. *Preto & Branco*. Rio de Janeiro: MEC / INL, 1956.

MEYER, Augusto. Proust, o zaori. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 11 maio 1930.

MEYER, Augusto. *Segredos da infância*. Porto Alegre: Editora Globo, 1949.

MEYER, Augusto. Tema da infância. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 04 jun. 1930.

MORAES, Carlos Dante de. A poesia de Augusto Meyer e a infância. In: Meyer, A. *Poesias (1922-1955)*. Rio de Janeiro: Livraria São José Editora, 1957, p. 279-295.

PROUST, Marcel. *A prisioneira*. Porto Alegre: Editora Globo, 1971, 2ª edição.

PROUST, Marcel. *O caminho de Guermantes*. Porto Alegre: Editora Globo, 1953.

PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, 3ª edição.

PROUST, Marcel. *Sodoma e Gomorra*. São Paulo: Editora Globo, 1998, 14ª edição.

QUINTANA, Mário. Aug. *A vaca e o hipogrifo*. Porto Alegre: L&PM, 1983, p. 54, 4ª ed.

RIBOT, Théodule Armand. *Les maladies de la mémoire*. Paris: Felix Alcan, 1905.

\*